UM CORAÇÃO SIMPLES

GUSTAVE FLAUBERT

A ARTE DA NOVELA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

UM CORAÇÃO SIMPLES

GUSTAVE FLAUBERT

TRADUÇÃO DE SERGIO FLAKSMAN



GRUA LIVROS



Grua folha de rosto

UM CORAÇÃO SIMPLES

GUSTAVE FLAUBERT

TRADUÇÃO DE SERGIO FLAKSMAN



GRUA LIVROS

A ARTE DA NOVELA

Coleção publicada em cooperação com a editora Melville House

SOBRE A SÉRIE

Muito curta para ser um romance, muito longa para ser um conto, a novela é geralmente um gênero pouco reconhecido por acadêmicos e editores. No entanto, é querida e praticada por grandes escritores. A série **A ARTE DA NOVELA** celebra esta forma de arte renegada publicando histórias, em muitos casos, apresentadas como títulos independentes pela primeira vez.

GUSTAVE FLAUBERT nasceu em 1821, em Rouen, França, filho de um cirurgião. Estudou Direito, mas não passou nos exames e, após de sofrer uma série de crises nervosas e alucinações, diagnosticadas na época como histérico-epilépticas, foi mandado pelo pai para um sítio em Croisset para se recuperar. Seu mais importante romance, *Madame Bovary*, que viria a ser um divisor de águas na literatura universal, foi publicado em 1857. A obra causou escândalo e levou à denúncia de Flaubert sob a acusação de imoralidade, mas ele foi absolvido. Sua escrita realista e minuciosa, sempre em busca da palavra exata, e a profundidade de suas análises psicológicas, lhe renderam reconhecimento, embora seus livros posteriores, tais como *Uma educação sentimental* e *Salammbô*, não tenham tido a mesma aceitação que sua obra prima. Em 1866, recebeu do governo francês a Ordem Nacional da Legião de Honra. Seus últimos anos de vida foram marcados por sérias dificuldades financeiras. Morreu na pobreza em 1880.

TEXTO DE ORELHA

Com uma atenção aos detalhes da vida burguesa considerada quase escandalosa na época, *Um coração simples* fará com que muitos se lembrem, ou descubram, por que Gustave Flaubert foi aclamado como o primeiro grande mestre do realismo. Esta novela traz a história de uma mulher simples, Félicité, que trabalha décadas como criada para a Sra. Aubain, uma viúva de alguns recursos. Zela por tudo na casa, ajuda a criar os pequenos Paul e Virginie, mima seu sobrinho Victor, que entra em sua vida por acaso. Sua compreensão pouco sofisticada do mundo, pautada por suas realidades próximas e por sua própria história sem grandes acontecimentos, é acompanhada por um grandioso sentimento de amor, no sentido amplo da palavra.

Escrita perto do fim da vida do autor, o trabalho era para ser uma homenagem a George Sand, que morreu antes do texto ficar pronto, e foi concebido em resposta a uma discussão entre ambos sobre a importância do realismo. Embora o texto mostre seu virtuosismo para contar detalhes e se baseie em uma de suas serviçais da vida real, Julie, Flaubert disse que a novela exemplificava sua declaração: “beleza é o objeto de todos os meus esforços”.Copyright THE ART OF THE NOVELLA © 2014 Melville House Publishing

Copyright série a arte da novela © 2014 GRUA LIVROS

Essa tradução foi publicada após acordo firmado com a Melville House Publishing, EUA.

A série The Art of The Novella e sua identificação visual são propriedades da Melville House Publishing, USA.

primeira publicação *trois contes*, em 1877

.

design da série

DAVID KONOPKA

www.grualivros.com.br

grua@grualivros.com.br

Rua Cláudio Soares, 72 cj 1605

Pinheiros

São Paulo – SP

05422-030

Tel: (011) 4314-1500

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F616c

Flaubert, Gustave, 1821-1880

Um coração simples / Gustave Flaubert ;

tradução Sergio Flaksman. - 1. ed. - São Paulo : Grua Livros, 2015.

80 p. : il. ; 18 cm.

Tradução de: Un cœur simple

ISBN 978-85-61578-44-2

1. Novela francesa. I. Flaksman, Sergio. II. Título.

15-19808 CDD: 843

CDU: 821.133.1-3813.111-3

I

Durante meio século, as burguesas de Pont-l'Évê invejaram a sra. Aubain por sua criada Félicité.

Por cem francos ao ano, ela respondia pela cozinha e arrumação da casa, costurava, lavava, passava, sabia arrear um cavalo, engordar as aves de criação, bater manteiga, e permanecia fiel à patroa, — que, entretanto, não era uma pessoa agradável.

A sra. Aubain havia desposado um belo rapaz sem fortuna, morto no início de 1809, deixando-lhe dois filhos muito novos e uma boa quantidade de dívidas. Então ela vendeu seus imóveis, salvo as propriedades de Toucques e de Geffosses, cujas rendas chegavam no máximo a cinco mil francos, e trocou sua casa de Saint-Melanie por outra menos dispendiosa, que pertencera a seus ancestrais e ficava atrás do mercado.

Essa casa, com seu telhado de ardósia, situava-se entre um beco e uma ruela que dava no rio. Por dentro, tinha diferenças de nível que provocavam tropeços. Um vestíbulo estreito separava a cozinha da “sala”, onde a sra. Aubain passava o dia inteiro, sentada junto à janela numa poltrona de palhinha. Contra os lambris, pintados de branco, alinhavam-se oito cadeiras de acaju. Um velho piano sustentava, abaixo de um barômetro, uma pilha piramidal de caixas e estojos. Duas *bergères* estofadas de tapeçaria ladeavam a lareira de mármore amarelo em estilo Luís XV. O relógio, centralizado, representava um templo de Vesta — e todo o piso térreo (aposento?) tinha cheiro de mofo, pois o nível do assoalho era inferior ao do jardim.

No primeiro andar, havia primeiro o quarto de “madame”, muito amplo,

forrado com um papel de flores pálidas e contendo o retrato de “monsieur” em trajes de *muscadin*.[1] Comunicava-se com um quarto menor, onde se viam duas caminhas de criança, sem colchão. Depois vinha o salão, sempre fechado, repleto de móveis envoltos em lençóis. Em seguida, um corredor levava até o gabinete de estudos; livros e uma papelada ocupavam as prateleiras da biblioteca, que cercava por três lados uma grande escrivaninha de madeira negra. Os dois painéis em relevo desapareciam por baixo de desenhos a bico de pena, paisagens a guache e gravuras de Audran, lembranças de um tempo melhor e de um luxo desaparecido. Uma lucarna no segundo andar iluminava o quarto de Félicité, com vista para as pradarias.

Ela acordava ao amanhecer, para não perder a missa, e trabalhava até a noite sem interrupção; em seguida, tendo terminado o jantar, arrumado a louça e fechado bem a porta, enfiava uma acha de lenha debaixo do borralho e adormecia em frente ao fogo, com o rosário nas mãos. Ninguém, ao regatear nas compras, exibia teimosia maior. Quanto à limpeza, o brilho das suas panelas era o desespero das outras criadas. Econômica, comia com vagar, e recolhia com o dedo, do tampo da mesa, as migalhas do seu pão — um pão de doze libras, assado expressamente para ela, e que durava vinte dias.

Em qualquer tempo, usava nos ombros um lenço de algodão estampado preso por um alfinete, com uma touca a esconder-lhe os cabelos, meias cinzentas, uma saia comprida vermelha e, por cima da camisola, um avental com peitilho, como o das enfermeiras de hospital.

Seu rosto era magro, e a voz, aguda. Aos vinte e cinco anos, davam-lhe quarenta; depois do cinquentenário, parou de registrar a idade — e, sempre silenciosa, o porte ereto e os gestos comedidos, parecia uma mulher de madeira, funcionando de modo automático.

II

Ela tivera, como qualquer outra, sua história de amor.

Seu pai, um pedreiro, fora vitimado caindo de um andaime. Depois sua mãe morreu, suas irmãs se dispersaram, um fazendeiro a recolheu e a empregou ainda menina para tomar conta das vacas no pasto. Ela tremia debaixo de farrapos, bebia de bruços a água dos charcos, apanhava por nada, e finalmente foi mandada embora por um roubo de trinta *sous* que não tinha cometido. Entrou em outra fazenda, onde foi encarregada dos animais de criação e, como agradava os patrões, seus colegas a invejavam.

Uma noite do mês de agosto (tinha na ocasião dezoito anos), arrastaram-na até a festa de Colleville. Em pouco tempo ela ficou aturdida, estupefata com a algazarra dos menestréis, as luzes nas árvores, o colorido das roupas, as rendas, as cruzes de ouro, aquela massa de gente pulando ao mesmo tempo. Mantinha-se modestamente à parte, quando um jovem de aparência próspera, fumando seu cachimbo com os dois cotovelos na borda de uma tina, veio tirá-la para dançar. Pagou-lhe uma cidra, um café, um doce, um lenço de pescoço e, imaginando que ela adivinhasse sua intenção, ofereceu-se para levá-la em casa. À beira de um campo de aveia, ele a derrubou com brutalidade. Ela teve medo e pôs-se a gritar. Ele foi embora.

Outra noite, na estrada de Beaumont, ela começou a ultrapassar uma imensa carroça de feno que avançava muito lenta, e contornando as rodas reconheceu Théodore.

Ele a abordou com ar tranquilo, dizendo que tudo precisava ser perdoado, pois tinha sido “culpa da bebida”.

Ela não soube o que responder e teve vontade de sumir.

Em seguida ele falou sobre as colheitas e os notáveis da comuna, pois seu pai tinha trocado Colleville pela fazenda des Écots, de maneira que agora eram vizinhos.

— Ah! — disse ela.

Ele acrescentou que queriam estabelecê-lo. Por ele não tinha pressa, e esperava uma mulher de seu agrado. Ela baixou a cabeça. Então ele lhe perguntou se ela pensava em casamento. Ela respondeu, sorrindo, que zombar dos outros era feio.

— Mas não, eu garanto!

E com o braço esquerdo ele a enlaçou pela cintura; ela caminhava sustentada por aquele abraço; eles reduziram a marcha. O vento era suave, as estrelas brilhavam, a imensa carga de feno balançava à frente deles; e os quatro cavalos, arrastando os cascos, faziam subir a poeira. Depois, sem qualquer comando,

viraram à direita. Ele a beijou mais uma vez. Ela desapareceu na sombra.

Théodore, na semana seguinte, conseguiu encontros com ela.

Viam-se no fundo dos pátios, atrás de um muro, debaixo de uma árvore isolada. Ela não era inocente à maneira das donzelas — fora instruída pelos animais —, mas a razão e o instinto da honra a impediram de ceder. Essa resistência exasperou o amor de Théodore, a tal ponto que, para satisfazê-lo (ou talvez por ingenuidade), propôs casar-se com ela. Ela hesitava em acreditar. Ele fez juras grandiosas.

E logo admitiu uma coisa embaraçosa: seus pais, no ano anterior, tinham dado dinheiro a outro homem para servir em seu lugar; mas de um dia para o outro podiam convocá-lo; a ideia do serviço militar o apavorava. Essa covardia, para Félicité, era uma prova de ternura; por isso, a dela redobrou. Ela escapava à noite e, chegando ao ponto de encontro, Théodore a torturava com suas inquietações e insistências.

Finalmente, ele anunciou que iria em pessoa à Prefeitura tomar informações, e as traria no domingo seguinte, entre as onze e a meia-noite.

Chegada a hora, ela correu para o namorado.

No lugar dele, encontrou um de seus amigos.

Este lhe informou que ela não devia tornar a vê-lo. Para evitar o recrutamento, Théodore se casara com uma velha muito rica, a sra. Lehoussais, de Toucques.

Foi uma dor tumultuada. Ela se atirou ao chão, deu gritos, clamou por Deus e ficou gemendo sozinha em pleno campo até o amanhecer. Em seguida, voltou para a fazenda, declarou sua intenção de deixá-la; e, ao final do mês, depois de receber suas contas, embrulhou toda sua pequena bagagem num lenço e viajou para Pont-l'Évêque.

Diante da hospedaria, pediu informações a uma burguesa com capelina de

viúva que, precisamente, procurava uma cozinheira. A jovem não sabia muita coisa, mas aparentava tão boa vontade, e fazia tão poucas exigências, que a sra. Aubain finalmente disse:

— Pois então, eu a aceito!

Félicité, um quarto de hora mais tarde, estava instalada em sua casa.

Inicialmente, vivia numa espécie de temor permanente, causado pelo "gênero da casa" e as lembranças de "monsieur" que pairavam sobre tudo! Paul e Virginie, um com sete anos, a outra com quatro recém-completados, pareciam-lhe formados de matéria preciosa; ela os carregava às costas como um cavalo, e a sra. Aubain proibiu-a de beijá-los a cada minuto, o que a mortificava. Ainda assim achava-se feliz. A doçura daquele meio dissolvera sua tristeza.

Todas as quintas-feiras, as mesmas pessoas vinham disputar uma partida de bóston.[2] Félicité preparava de antemão as cartas e os braseiros de metal. Os jogadores chegavam pontualmente às oito, e se retiravam antes das onze.

Toda manhã de segunda-feira, o negociante de artigos usados que morava debaixo da passagem espalhava seus artigos pelo chão. Em seguida a cidade se enchia de um burburinho de vozes, em que relinchos de cavalos, balidos de ovelhas e roncos de porcos se misturavam ao som seco das carroças na rua. Em torno do meio-dia, no auge da feira, via-se aparecer à soleira da porta um velho camponês de alta estatura, o gorro para trás, o nariz em gancho, que era Robelin, o rendeiro de Geffosses. Pouco depois era Liébard, o arrendatário de Toucques, baixo, rubicundo, obeso, usando um paletó cinza e perneiras munidas de esporas.

Os dois traziam frangos ou queijos para a proprietária das terras onde viviam. Félicité invariavelmente frustrava suas artimanhas; e os dois se despediam cheios de consideração por ela.

Em épocas indeterminadas, a sra. Aubain recebia a visita do marquês de Gremanville, um de seus tios, arruinado pela devassidão e residente em Falaise, no lote que restara de suas terras. Aparecia sempre à hora do almoço, com um

cãozinho detestável cujas patas sujavam todos os móveis. A despeito de seus esforços para parecer um cavalheiro, a ponto de levantar o chapéu toda vez que dizia “meu finado pai”, o hábito levava a melhor; ele se servia de uma dose atrás da outra, e soltava gracejos mais ousados. Félicité o punha para fora com bons modos:

— Já tomou bastante, senhor marquês! Até a próxima!

E fechava a porta.

Que abria com prazer para o sr. Bourais, antigo procurador. Sua gravata branca e sua calvície, os folhos de sua camisa, sua comprida casaca marrom, sua maneira de tomar rapé dobrando o braço, todo aquele indivíduo lhe produzia a comoção que nos deixa a contemplação de homens extraordinários.

Como administrava as propriedades de “madame”, passava horas fechado com ela no gabinete de “monsieur”, e temia sempre comprometer-se, respeitava infinitamente a magistratura, tinha pretensões ao latim.

Para instruir as crianças de um modo ameno, deu-lhes de presente uma geografia em estampas. As figuras representavam cenas diversas do mundo, antropófagos com penas na cabeça, um macaco raptando uma donzela, beduínos no deserto, uma baleia arpoada etc.

Paul explicava essas gravuras a Félicité. O que constituiu a totalidade de sua formação literária.

A das crianças era encargo de Guyot, um pobre diabo empregado na Prefeitura, famoso pela bela caligrafia, e que afiava o canivete na bota.

Quando o tempo estava bom, saíam cedo na direção da propriedade de Geffosses.

O quintal é em aclive, a casa fica no meio; e o mar, ao longe, aparece como uma mancha cinzenta.

Félicité tirava fatias de carne fria de sua bolsa de palha, e almoçavam num anexo da leiteria. Era só o que restava de uma casa de veraneio já desaparecida. O papel das paredes, em frangalhos, tremulava ao sabor das correntes de ar. A sra. Aubain baixava a testa, pejada de lembranças; as crianças não ousavam mais falar.

— Vão brincar logo! — dizia ela.

Os dois batiam em retirada.

Paul subia no celeiro, pegava passarinhos, fazia pedras ricochetearem no charco ou batia com um bastão nos grandes tonéis que ressoavam como tambores.

Virginie dava de comer aos coelhos, precipitava-se para colher centáureas, e a rapidez de suas pernas revelava seus calções bordados.

Um fim de tarde de outono, voltavam de lá pelos pastos.

A lua, no primeiro quarto, iluminava uma parte do céu, e a névoa flutuava como um xale estendido sobre os meandros de Toucques. Bois, deitados no meio do relvado, contemplavam tranquilamente aquelas quatro pessoas que passavam. No terceiro pasto, alguns deles se levantaram, depois se dispuseram em semicírculo diante deles.

— Não tenham medo! — disse Félicité; e, murmurando uma espécie de cantilena, deu um tapa na espinha do boi mais próximo; ele deu meia-volta, os demais o imitaram. Mas, quando atravessavam o pasto seguinte, elevou-se um mugido tremendo. Era um touro, escondido pela cerração. Avançou para as duas mulheres. A sra. Aubain fez menção de correr.

— Não! Não! Mais devagar!

Ainda assim apressaram o passo, e ouviam atrás delas os bufos cada vez mais próximos. Como martelos, os cascos do animal golpeavam a relva da pradaria; e agora ele vinha a galope! Félicité se virou, e arrancava com as duas

mãos placas de terra que atirava nos olhos do touro. Ele baixava o focinho, sacudia os chifres e tremia de fúria, mugindo horrivelmente. A sra. Aubain, chegando ao fim do pasto com os dois filhos, procurava desesperada um meio de escalar o barranco que cercava a área. Félicité recuava sempre à frente do touro, e arremessava continuamente os torrões de terra e relva que o deixavam cego, enquanto gritava:

— Depressa! Depressa!

A sra. Aubain desceu a vala, empurrou Virginie, em seguida Paul, caiu várias vezes e, à custa de muita coragem, conseguiu escalar o barranco.

O touro tinha acuado Félicité contra um trecho de cerca; sua baba já respingava no rosto dela, mais um segundo e ele lhe abria a barriga. Ela só teve o tempo de se esgueirar entre duas barras da cerca, e o grande animal, muito surpreso, se deteve.

Esse acontecimento, por muitos anos, foi tema de conversas em Pont-l'Évêque. Félicité não se gabava do acontecido nem lhe ocorria que tivesse feito algo de heroico.

Virginie a ocupava integralmente — pois teve, depois do susto, uma afecção nervosa, e o sr. Poupart, o médico, recomendou os banhos de mar de Trouville.

Naquele tempo, não eram muito frequentados. A sra. Aubain reuniu informações, consultou Bourais, fez preparativos como se partissem numa longa viagem.

Suas bagagens seguiram de véspera, na carroça de Liébard. No dia seguinte, ele chegou com dois cavalos, um dos quais trazia uma sela de mulher com encosto de veludo; e na garupa do segundo vinha uma manta enrolada formando uma espécie de assento. A sra. Aubain montou no primeiro, atrás de Liébard. Félicité se encarregava de Virginie, e Paul cavalgava o asno do sr. Lechaptois, emprestado com a recomendação de grandes cuidados.

O caminho era tão ruim que seus oito quilômetros exigiram duas horas de viagem. Os cavalos se enterravam até as canelas na lama e, para sair dela, faziam

movimentos bruscos com as ancas; ou então tropeçavam nas costelas da estrada; num dado momento, precisaram saltar. A égua de Liébard, em certos pontos, parava de supetão. Ele esperava pacientemente que ela retomasse a marcha; e falava das pessoas cujas propriedades bordeavam a estrada, acrescentando reflexões morais às histórias de cada uma. Assim, no meio de Toucques, quando passavam ao pé de algumas janelas enfeitadas com canteiros de capuchinhas, ele disse, erguendo os ombros:

— E esta aqui, a sra. Lehoussais, em vez de ficar com um jovem…

Félicité não ouviu o resto; os cavalos saíram trotando, o asno galopava; enveredaram todos por uma trilha, uma porteira se abriu, dois meninos apareceram, e apearam diante da estrumeira, bem no umbral da porta da casa.

A sra. Liébard, ao perceber a senhoria, foi pródiga em manifestar sua alegria. Serviu-lhe um almoço onde havia lombo de boi, tripas, chouriço, ensopado de frango, cidra espumante, torta de frutas em conserva e ameixas conservadas em aguardente, tudo acompanhado de muitos cumprimentos a madame, que lhe parecia com excelente saúde, à menina, que estava “magnífica”, e ao sr. Paul, especialmente “robusto”, sem esquecer seus falecidos avós, que os Liébard tinham conhecido, estando a serviço da família havia várias gerações. A fazenda tinha, como eles, um ar de antiguidade. As vigas do teto estavam roídas de cupim, as paredes negras de fumaça, as lajotas do piso, cinzentas de poeira. Um aparador de carvalho estava coberto de utensílios de todo tipo, jarras de metal, pratos, tigelas de estanho, armadilhas para lobos, tesouras de tosquia; uma seringa imensa provocou o riso das crianças. Não havia uma árvore em torno da casa que não tivesse cogumelos crescendo na base do tronco, ou erva-de-passarinho pendendo de seus galhos. Várias tinham sido derrubadas pelo vento. Tinham rebrotado a partir dos tocos; e todas pendiam ao peso de suas maçãs. Os tetos de palha, que pareciam de veludo castanho e tinham espessuras desiguais, resistiam às mais fortes borrascas. Enquanto isso, o galpão das carroças se desfazia em ruínas. A sra. Aubain disse que cuidaria de tudo, e mandou tornar a arriar os animais.

Levaram mais meia hora para chegar a Trouville. A pequena caravana precisou apear para atravessar Les Écores, um penhasco do qual se viam os barcos; e três minutos mais tarde, ao final do cais, chegaram ao pátio de entrada

do Agneau d'Or, a estalagem da mãe David.

Virginie, desde os primeiros dias, sentiu-se menos fraca, resultado da mudança de ares e da ação dos banhos. Mergulhava com uma camisa comprida, na falta de traje de banho; e depois a criada tornava a vesti-la numa cabana de agente da alfândega usada pelos banhistas.

À tarde, pegavam o asno e iam para além das Roches-Noires, nos lados de Hennequeville. A trilha, no começo, subia em meio a um terreno ondulado como o gramado de um parque, depois chegava a um platô em que se alternavam pastos e lavouras. À beira do caminho, em meio ao emaranhado de espinheiros, erguiam-se os pés de azevinho; aqui e ali, uma grande árvore morta descrevia zigue-zagues no ar azul com seus galhos.

Quase sempre descansavam em algum prado, tendo Deauville à esquerda, o Havre à direita e, à sua frente, o mar aberto. Ele brilhava ao sol, liso como um espelho, tão calmo que mal se ouvia seu murmúrio; pardais ocultos piavam, e a cúpula imensa do céu cobria tudo. A sra. Aubain, sentada, entregava-se a seus trabalhos de costura; Virginie ao lado dela trançava juncos; Félicité livrava as flores de lavanda de ervas daninhas; Paul, que se entediava, queria ir embora.

Outras vezes, atravessando de barco o rio Toucques, saíam à cata de conchas. A maré baixa deixava expostos ouriços, vieiras, medusas; e as crianças corriam atrás dos flocos de espuma que o vento levava. As ondas preguiçosas, chegando à areia, desenrolavam-se ao longo da praia que se estendia a perder de vista, mas do lado da terra tinha por limite as dunas que a separavam do “pântano”, uma vasta planície em forma de hipódromo. Quando voltavam por esse caminho, Trouville, no alto de uma encosta ao fundo, ia aumentando de tamanho a cada passo, e com suas casas de tamanhos desiguais dava a impressão de espalhar-se numa alegre desordem.

Nos dias em que fazia calor demais, não deixavam o quarto. A claridade ofuscante do lado de fora revestia as faixas de luz entre as tiras das persianas. Nenhum som na aldeia. Abaixo, nas calçadas, ninguém. O silêncio espalhado realçava a tranquilidade das coisas. Ao longe, os martelos dos calafates vedavam quilhas, e uma brisa pesada trazia o aroma de piche.

A principal diversão era a volta dos barcos de pesca. Assim que ultrapassavam as balizas, começavam a cambar com frequência. As velas baixavam a dois terços dos mastros; e, com a mezena enfunada como um balão, avançavam, deslizando em meio ao rumor das vagas, até o meio do porto, onde a âncora caía de chofre. Em seguida, o barco encostava no cais. Os marujos atiravam peixes palpitantes por cima da amurada; eram aguardados por uma fileira de carroças, e mulheres de touca de algodão avançavam para receber as cestas e beijar seus homens.

Uma delas um dia abordou Félicité, que pouco depois entrou no quarto, toda feliz. Tinha encontrado uma das irmãs; e Nastasie Barette, Leroux de casada, apareceu segurando um bebê ao peito e outra criança com a mão direita. À sua esquerda, um pequeno grumete com as mãos nos quadris e uma boina cobrindo a orelha.

Ao cabo de quinze minutos, a sra. Aubain a pôs para fora.

Eram sempre encontrados nas proximidades da cozinha, ou quando a família saía a passeio. O marido nunca aparecia.

Félicité afeiçoou-se a eles. Comprou-lhes um cobertor, camisas, uma fornalha; era evidente que a exploravam. Essa fraqueza irritava a sra. Aubain, que, além disso, não gostava da familiaridade do sobrinho — que tratava seu filho por *tu*; — e, como Virginie continuava a tossir e não estavam mais na boa estação, decidiu regressar a Pont-l'Évêque.

O sr. Bourais ajudou-a na escolha de um colégio. O de Caen era tido como o melhor. Paul foi enviado para lá; e despediu-se com bravura, satisfeito de ir morar numa casa onde teria companheiros.

A sra. Aubain resignou-se com o afastamento do filho, porque era inevitável. Virginie pensava nele cada vez menos. Félicité sentia falta do barulho que ele fazia. Mas uma ocupação veio distraí-la; a partir do Natal, passou a levar a menina ao catecismo todo dia.

III

Depois da genuflexão que fazia na entrada, ela avançava sob a alta nave entre as duas fileiras de assentos, abria o banco da sra. Aubain, sentava-se e corria os olhos ao redor.

Os meninos à direita, as meninas à esquerda, enchiam as baias do coro; o cura se postava ao lado do púlpito; num vitral da abside, o Espírito Santo pairava acima da Virgem; outro a mostrava de joelhos diante do Menino Jesus e, atrás do

tabernáculo, um grupo esculpido em madeira representava São Miguel derrotando o dragão.

O padre começou com um resumo da História Sagrada. Ela julgou ver o paraíso, o dilúvio, a torre de Babel, cidades em chamas, povos morrendo, ídolos derrubados; e conservou dessa vertigem o respeito pelo Altíssimo e o medo de sua ira. Em seguida, chorou ouvindo a história da Paixão. Por que o tinham crucificado, ele que amava as crianças, alimentava as multidões, curava os cegos, e preferiu, por delicadeza, nascer entre os pobres, em meio ao estrume de um estábulo? As semeaduras, as colheitas, as prensas de vinho, todas essas coisas bem conhecidas de que fala o Evangelho, estavam presentes na vida dela; a passagem de Deus as havia santificado; e ela amava com mais ternura os cordeiros por amor ao Cordeiro, e as pombas por causa do Espírito Santo.

Tinha dificuldade em imaginar sua pessoa; pois ele não era só uma ave, mas também um fogo, e outras vezes um sopro. Talvez seja dele a luz que esvoaça à noite à beira dos pântanos, o hálito que empurra as nuvens, a voz que confere harmonia aos sinos; e ela se entregou à adoração, feliz com o frescor das paredes e a paz da igreja.

Quanto aos dogmas, não entendia nada nem tentava entender. O padre discorria, as crianças recitavam, ela acabava adormecendo; e acordava de chofre, quando ao irem embora as crianças batiam com os tamancos nas lajes do piso.

Foi dessa maneira, à força de ouvir, que ela aprendeu o catecismo, depois de uma educação religiosa negligenciada na juventude; e a partir de então passou a imitar todas as práticas de Virginie, jejuava como ela, confessava-se com ela. Na festa de Corpus Christi, decoraram juntas um dos altares provisórios da procissão.

A primeira comunhão a atormentava antes da hora. Alvoroçou-se pelos sapatos, pelo terço, pelo livro, pelas luvas. Com tanta agitação ajudou a mãe a vestir a menina!

Durante toda a missa, ela sentiu uma angústia. O sr. Bourais encobria a visão de um dos lados do coro; mas, bem à frente dela, o rebanho das donzelas usando coroas brancas sobre os véus baixados parecia formar um campo coberto de

neve; e ela reconhecia de longe sua querida pelo pescoço delgado e pela atitude de recato. A sineta soou. As cabeças baixaram; fez-se um silêncio. Ao soar o órgão, os cantores e o público entoaram o *Agnus Dei*; então, o desfile dos meninos começou; e, depois deles, as meninas se levantaram. Passo a passo, com as mãos postas, avançavam rumo ao altar todo iluminado, ajoelhavam-se no primeiro degrau, recebiam a hóstia um a um e na mesma ordem voltavam a seus lugares. Quando chegou a vez de Virginie, Félicité debruçou-se para vê-la; e, com a imaginação que produzem os afetos verdadeiros, pareceu-lhe que ela mesma era aquela menina; o rosto dela transformava-se no seu, trajava o vestido dela, o coração dela batia em seu peito; no momento de abrir a boca com as pálpebras fechadas, por pouco ela não desmaiou.

No dia seguinte, muito cedo, apresentou-se na sacristia para que o cura lhe desse a comunhão. Recebeu-a com devoção, mas sem que ela lhe despertasse as mesmas delícias.

A sra. Aubain queria fazer da filha uma pessoa completa; e, como Guyot não tinha como ensinar-lhe inglês nem música, resolveu interná-la com as Ursulinas de Honfleur.

A criança não fez objeção. Félicité suspirava, julgando madame insensível. Em seguida, achou que sua patroa talvez tivesse razão. Eram coisas que ultrapassavam sua competência.

Finalmente, um dia, um velho fiacre parou à porta da casa; e dele desceu a religiosa que vinha buscar a menina. Félicité arrumou suas bagagens no alto da carruagem, fez recomendações ao cocheiro e acomodou na caixa debaixo do banco seis potes de geleia e uma dúzia de peras, com um ramo de violetas.

Virginie, no último instante, foi tomada por um grande soluço; abraçou a mãe, que lhe beijava a testa, repetindo:

— Vamos! Coragem! Coragem!

O estribo foi recolhido, a carruagem partiu.

Então a sra. Aubain teve um desfalecimento; e à noite todos seus amigos, o

casal Lormeau, a sra. Lechaptois, as srtas. Rochefeuille, os srs. Houppeville e Bourais vieram fazer-lhe uma visita de consolo.

A privação da companhia da filha lhe foi inicialmente muito penosa. Mas três vezes por semana recebia cartas suas, nos outros dias lhe escrevia, passeava no jardim, lia um pouco, e desse modo preenchia o vazio das horas.

Toda manhã, por hábito, Félicité entrava no quarto de Virginie, e olhava para as paredes. Sofria por não precisar mais pentear seus cabelos, amarrar suas botinas, ajeitar suas cobertas quando se deitava, e não ver mais seu belo rosto o tempo todo, não pegá-la mais pela mão quando saíam juntas. Em seu desconcerto, tentou fazer renda. Seus dedos pesados demais rebentavam a linha; não tinha vontade de nada, perdeu o sono e, em suas palavras, estava “minada”.

Na intenção de “se dissipar”, pediu licença para receber seu sobrinho Victor.

Ele chegava domingo depois da missa, as faces rosadas, o peito nu, e trazendo o aromado campo que acabava de atravessar. Imediatamente, ela punha a mesa. Almoçavam de frente um para o outro; e, comendo ela própria o mínimo possível a fim de poupar a despesa, entupia o rapaz de tanta comida que ele acabava adormecendo. Ao primeiro toque das vésperas, ela o despertava, escovava suas calças, dava o nó em sua gravata e partia para a igreja, apoiando-se no braço do rapaz com orgulho maternal.

Os pais dele sempre o encarregavam de obter alguma coisa, fosse um pacote de açúcar bruto, um sabão, um pouco de aguardente, às vezes mesmo dinheiro. Ele trazia suas roupas velhas para coser; e ela aceitava a tarefa, feliz pelo pretexto que o forçava a voltar.

No mês de agosto, o pai dele o levou num navio de cabotagem.

Era a época de férias. A chegada das crianças a consolou. Mas Paul ficara caprichoso, e Virginie não tinha mais idade para ser tratada de *tu*, o que criava um embaraço, uma barreira entre as duas.

Victor foi sucessivamente a Morlaix, a Dunkerque e a Brighton; no regresso

de cada viagem, trazia-lhe um presente. Da primeira vez, foi uma caixa feita de conchas; da segunda, uma xícara de café; da terceira, um pão de especiarias em forma de homem. Ele embelezava, tinha um belo porte, um bigode fino, olhos bondosos e francos, e um chapeuzinho de couro, que usava para trás como um piloto. E a divertia contando histórias cheias de termos náuticos.

Em uma segunda-feira, 14 de julho de 1819 (ela nunca esqueceu a data), Victor anunciou que tinha sido contratado como marinheiro de longo curso e, dali a dois dias, à noite, depois de tomar o barco da linha de Honfleur, iria se apresentar à sua escuna, que pouco depois zarparia do Havre. E passaria, talvez, dois anos fora.

A perspectiva dessa ausência deixou Félicité desolada; e, para dizer-lhe adeus mais uma vez, na noite de quarta-feira, depois do jantar de madame, calçou suas galochas e devorou as quatro léguas que separam Pont-l'Évêque de Honfleur.

Quando se viu no mirante do Calvário, em vez de descer à esquerda desceu à direita, perdeu-se em meio aos estaleiros, refez parte do caminho; pessoas que abordou disseram-lhe que devia se apressar. Ela percorreu toda a volta da baía tomada de navios, esbarrando em suas amarras; depois o terreno ficou mais baixo, luzes se entrecruzavam e ela julgou ter ficado louca, ao divisar cavalos no céu.

À beira do cais, outros relinchavam, com medo do mar. O guindaste que os içava pousava os animais a bordo de um barco, no qual viajantes se esbarravam em meio aos barris de cidra, aos cestos de queijos, aos sacos de cereal; ouviam-se cacarejos, o capitão praguejava; e um grumete mantinha os cotovelos apoiados na amura, indiferente a tudo aquilo. Félicité, que não o reconhecera, gritou: “Victor!”. Ele levantou a cabeça; ela se precipitava, quando retiraram a escada de repente.

O barco, que no início as mulheres rebocavam cantando, afastou-se do porto. Seu cavername estalava, vagas mais pesadas lhe açoitaram a proa. A vela virou de bordo. Não se via mais ninguém; e, no mar prateado pela lua, o barco projetava uma mancha negra que ficou cada vez mais fosca, afundou e desapareceu.

Félicité, passando perto do Calvário, quis recomendar a Deus o que mais amava; e ficou muito tempo rezando, de pé, as faces banhadas de pranto, os olhos fitando as nuvens. A cidade dormia, os funcionários da alfândega passeavam; e a água caía sem interrupção pelas aberturas da eclusa, com um som de torrente. Soaram as duas horas.

O parlatório não haveria de abrir antes que amanhecesse. Um atraso, certamente, deixaria madame contrariada; e apesar de seu desejo de abraçar a outra criança, ela deu meia-volta. As empregadas da taverna acordavam, quando ela chegou de volta a Pont-l'Évêque.

O pobre rapaz, por meses a fio, ia assim balançar sobre as ondas! Suas viagens precedentes não o haviam deixado com medo. Da Inglaterra e da Bretanha, todos voltavam; mas a América, as Colônias, as Ilhas, tudo isso se perdia numa região incerta, do outro lado do mundo.

A partir de então, Félicité só pensava em seu sobrinho. Nos dias de sol, sentia o tormento da sede; quando caía uma tempestade, temia os relâmpagos por ele. Ao escutar o vento que rosnava na lareira e arrancava as placas de ardósia do telhado, ela o via atingido pelo mesmo temporal, no alto de um mastro partido, todo o corpo pendendo para trás, sob uma extensão de espuma; ou então — lembranças da geografia em estampas — ele era devorado pelos selvagens, capturado por macacos na selva, ou morria numa praia deserta. E ela nunca falava dessas suas inquietações.

A sra. Aubain tinha outras, ligadas à sua filha.

As freiras a achavam afetuosa, mas delicada. A menor emoção a transtornava. Foi preciso abandonar o piano.

Sua mãe exigia do convento uma correspondência regrada. Certa manhã que o carteiro não veio, impacientou-se; e andava pela sala, entre sua poltrona e a janela. Era uma coisa fora do comum! Em quatro dias, nenhuma notícia!

Para que ela se consolasse com seu exemplo, Félicité lhe disse:

— Eu, madame, já faz seis meses que não recebo!

— Mas de quem?

A criada replicou baixinho:

— Ora…Do meu sobrinho!

— Ah! Seu sobrinho!

E, dando de ombros, a sra. Aubain retomou sua caminhada, o que significava: “Eu nem pensei nisso... E, além do mais, pouco me importa! Um grumete, um vagabundo, grande coisa! Já a minha filha... Imagine só!”.

Félicité, embora tivesse crescido em meio à rudeza, ficou indignada com madame, porém depois esqueceu.

Parecia-lhe natural perder a cabeça por causa da menina.

Os dois jovens tinham a mesma importância; um laço de seu coração os unia, e o destino dos dois havia de ser o mesmo.

O farmacêutico lhe informou que o navio de Victor chegara a Havana; tinha lido a notícia numa gazeta.

Por causa dos charutos, ela imaginava que Havana fosse um lugar onde todos passavam o tempo todo fumando, e Victor circulava em meio aos negros dentro de uma nuvem de tabaco. Seria possível, “em caso de necessidade”, regressar de lá por terra? A que distância ficava Havana de Pont-l'Évêque? Atrás de respostas, interrogou o sr. Bourais.

Ele alcançou seu atlas, em seguida encetou explicações sobre as longitudes; e exibia um belo sorriso de sabichão ante a reverência de Félicité. Finalmente, com seu porta-lápis, indicou, nos recortes de uma mancha oval, um ponto negro, imperceptível, acrescentando: — É aqui.

Ela se debruçou sobre o mapa; aquela rede de linhas coloridas cansava sua visão, sem dizer-lhe nada; e quando Bourais a convidou a dizer o que a incomodava, pediu que ele lhe mostrasse a casa onde Victor morava. Bourais ergueu os braços, soprou com força pelo nariz, riu demoradamente; tamanha inocência o divertia muito; e Félicité não compreendia de onde vinha tanta alegria — ela que esperava ver talvez até o retrato de seu sobrinho, de tanto que sua inteligência era limitada!

Foi quinze dias mais tarde que Liébard, na hora da feira, como de costume, entrou na cozinha; e lhe entregou uma carta enviada por seu cunhado. Como nenhum dos dois sabia ler, ela recorreu à patroa.

A sra. Aubain, que contava as malhas de seu tricô, pousou o trabalho a seu lado, abriu a carta, estremeceu, e, em voz grave, com um olhar profundo:

— É uma infelicidade… que lhe anunciam. Seu sobrinho…

Estava morto. E não diziam mais nada.

Félicité desabou numa cadeira, apoiando a cabeça no encosto, e fechou as pálpebras, que logo se avermelharam. Em seguida, com a testa baixa, as mãos pendentes, o olho fixo, repetia a intervalos:

— Coitado do garoto! Coitado do garoto!

Liébard a fitava, aos suspiros. A sra. Aubain tremia um pouco.

E lhe propôs que fosse ver sua irmã, em Trouville.

Félicité respondeu, com um gesto, que não sentia a necessidade.

Fez-se um silêncio. O bom Liébard julgou conveniente retirar-se.

Então ela disse:

— Para eles, não faz diferença!

Sua cabeça tornou a pender; e maquinalmente ela levantava, de tempos em tempos, as longas agulhas pousadas na mesa de trabalho.

Mulheres passaram pela entrada da casa com uma padiola da qual gotejava a roupa lavada.

Ao vê-las pela vidraça, ela se lembrou de sua roupa suja; como a tinha posto de molho na véspera, agora precisava enxaguá-la; e saiu da sala.

Sua tábua de lavar e sua tina estavam à beira do rio Toucques. Jogou uma pilha de camisas na beira do rio, arregaçou as mangas, pegou seu batedor; e as pancadas fortes que ela desferia podiam ser ouvidas nos jardins vizinhos. As pradarias estavam desertas, o vento agitava as águas do rio; ao fundo, ervas altas debruçavam-se sobre a correnteza, como cabeleiras de cadáveres boiando nas águas. Ela conteve sua dor, e até a noite foi muito corajosa; mas, em seu quarto, entregou-se a ela, de bruços no colchão, o rosto no travesseiro, e os dois punhos contra as têmporas.

Muito mais tarde, pelo próprio capitão de Victor, soube das circunstâncias de seu fim.

Tinha sido sangrado em demasia no hospital, por causa da febre amarela. Quatro médicos o seguravam ao mesmo tempo. Ele tinha morrido imediatamente, e o chefe tinha comentado:

— Bem! Mais um!

Seus pais sempre o tinham tratado com brutalidade. Ela preferia não revê-los; e eles não tomaram nenhuma iniciativa, por esquecimento ou pela insensibilidade dos miseráveis.

Virginie enfraquecia.

Opressões, tosse, uma febre contínua e o rosto marmorizado revelavam alguma afecção profunda. O dr. Poupart tinha aconselhado uma temporada na Provence. A sra. Aubain decidiu atendê-lo, e teria feito sua filha voltar logo para

casa, não fosse o clima de Pont-l'Évêque.

Fez um acordo com o dono de uma carruagem de aluguel, que a conduzia ao convento toda terça-feira. No jardim, há um terraço de onde se vê o Sena. Virginie caminhava por ele de braços com a mãe, pisando nas folhas de vinha caídas. Às vezes o sol atravessava as nuvens e a obrigava a piscar, enquanto ela contemplava as velas ao longe e todo o horizonte, do castelo de Tancarville aos faróis do Havre. Em seguida, as duas descansavam sob o caramanchão. Sua mãe tinha comprado um pequeno frasco de excelente vinho de Málaga; e rindo da ideia de ficar tonta, tomava apenas dois dedos, nada mais.

Suas forças ressurgiram. O outono passou mansamente. Félicité tranquilizava a sra. Aubain. Mas, ao fim de uma tarde, voltando de uma saída breve para compras, deparou-se com o cabriolé do sr. Poupart diante da porta; e ele estava no vestíbulo. A sra. Aubain amarrava seu chapéu.

— Traga-me meu aquecedor de pés, minha bolsa, minhas luvas; mais depressa, vamos!

Virginie tinha uma congestão dos pulmões; talvez não houvesse esperança.

— Ainda não! — Disse o médico.

E os dois subiram na carruagem, sob o turbilhão de flocos de neve. A noite caía. Fazia muito frio.

Félicité precipitou-se para a igreja e acendeu um círio. Em seguida, saiu correndo atrás do cabriolé, que alcançou uma hora mais tarde, e de um salto subiu em sua traseira, segurando-se às correias, quando lhe ocorreu uma lembrança: “A porta da casa estava aberta! E se ladrões entrassem?”. E desceu.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, apresentou-se na casa do médico. Ele tinha voltado, mas partira de novo para o campo. Em seguida ela passou algum tempo no albergue, achando que desconhecidos lhe trariam uma carta. Finalmente, quando o dia clareou, tomou a diligência de Lisieux.

O convento ficava ao final de uma ladeira estreita. Chegando à metade, ela ouviu sons estranhos, um dobre de finados. “É por outra pessoa”, pensou; e bateu com violência a aldraba da porta.

Depois de alguns minutos, chinelos se arrastaram, a porta se entreabriu e uma freira apareceu.

A religiosa, com um ar compungido, disse que “ela acabara de falecer”. Ao mesmo tempo, os sinos de São Leonardo tocavam com mais força.

Félicité chegou ao segundo andar.

Já da soleira do quarto viu Virginie estendida de costas, as mãos juntas, a boca aberta e a cabeça para trás debaixo de uma cruz negra inclinada em sua direção, entre as cortinas imóveis, menos brancas que seu rosto. A sra. Aubain, ao pé da cama a que se abraçava, soluçava de agonia. A superiora estava parada, à direita. Três candelabros em cima da cômoda produziam manchas vermelhas, e a cerração branqueava as janelas. As freiras tiraram do quarto a sra. Aubain.

Por duas noites, Félicité não se afastou da morta. Repetia as mesmas preces, jogava água benta nos lençóis, voltava a sentar-se e a contemplá-la. Ao final da primeira vigília, percebeu que o rosto tinha amarelado, os lábios arroxearam, o nariz se apertava, os olhos afundavam. Ela os beijou várias vezes; e não teria sentido muito espanto se Virginie tornasse a abri-los; para almas assim, o sobrenatural é muito simples. Lavou a menina, envolveu-a na mortalha, baixou-a em seu caixão, pôs uma coroa de flores, abriu seus cabelos. Eram louros, e extraordinários de tão compridos para sua idade. Félicité cortou uma grande mecha, cuja metade guardou no peito, decidida a nunca desfazer-se dela.

O corpo foi conduzido a Pont-l'Évêque, obedecendo às intenções da sra. Aubain, que acompanhava o carro fúnebre numa carruagem fechada.

Depois da missa, ainda levaram três quartos de hora para chegar ao cemitério. Paul caminhava à frente e soluçava. O sr. Bourais vinha atrás dele, depois os principais habitantes, as mulheres, cobertas de mantilhas negras, e Félicité. Ela pensava no sobrinho, e, não tendo podido prestar-lhe essas honras,

sentia uma tristeza suplementar, como se ele fosse enterrado junto com a outra.

O desespero da sra. Aubain era ilimitado.

Num primeiro momento revoltou-se contra Deus, achando injusto que lhe tivesse tomado a filha — ela, que jamais fizera mal algum, cuja consciência era tão pura! Mas, não! Devia tê-la levado para o Sul. Outros médicos a teriam salvado! Ela se culpava, queria juntar-se à filha, gritava de desamparo nos sonhos. Um deles, sobretudo, a obcecava. Seu marido, trajado de marinheiro, voltava de uma longa viagem e lhe dizia chorando que tinha recebido a ordem de vir buscar Virginie. Então combinavam procurar algum esconderijo para ela.

Uma vez, voltou perturbada do jardim. Agora mesmo (e apontava o lugar), o pai e a filha lhe tinham aparecido lado a lado, sem fazer nada; só olhavam para ela.

Passou vários meses em seu quarto, inerte. Félicité a repreendia com doçura; precisava preservar-se para seu filho, e para a outra, em lembrança “dela”.

— Dela? —Repetia a sra. Aubain, como se acordasse. — Ah! Sim! Sim! Você nunca se esquece!

Alusão ao cemitério, que lhe fora escrupulosamente vedado.

Félicité ia até lá todo dia.

Precisamente às quatro, ela passava pelas casas, subia a encosta, abria o portão e chegava diante do túmulo de Virginie. Era uma pequena coluna de mármore rosa, com uma laje de pedra na base, rodeada por um jardinzinho cercado de correntes. Nem se viam os canteiros, cobertos de flores. Ela regava suas folhas, completava a areia, ajoelhava-se para revolver melhor a terra. A sra. Aubain, quando pôde vir, sentiu um grande alívio, uma espécie de consolo.

Depois se passaram anos, todos parecidos e sem outros episódios além do retorno das grandes festas: a Páscoa, a Ascensão, Todos os Santos. Acontecimentos domésticos marcaram datas mais tarde relembradas. Assim, em

1825, dois vidraceiros caiaram o vestíbulo da casa; em 1827, uma parte do telhado, caindo no pátio, quase matou um homem. No verão de 1828, coube a madame distribuir o pão bento; Bourais, mais ou menos na mesma época, ausentou-se misteriosamente; e os antigos conhecidos foram partindo um a um: Guyot, Liébard, a sra. Lechaptois, Robelin, o tio Gremanville, paralítico havia tanto tempo.

Certa noite, o condutor da diligência anunciou em Pont-l'Évêque a Revolução de Julho.[3] Um novo subprefeito, poucos dias depois, foi nomeado: o barão de Larsonnière, ex-cônsul na América, que tinha em sua casa, além da esposa, a cunhada com três filhas, todas já bem crescidas. Podiam ser vistas no gramado, vestindo blusas folgadas; eram donas de um negro e de um papagaio. A sra. Aubain recebeu-a em visita, que não tardou em retribuir. Assim que elas despontavam ao longe, Félicité acorria para avisá-la. Mas uma única coisa era capaz de comovê-la, as cartas de seu filho.

Ele não conseguia seguir carreira nenhuma, absorvido nas tavernas. Ela lhe pagava as dívidas; ele fazia novas, e os suspiros que a sra. Aubain soltava, tricotando ao lado da janela, chegavam a Félicité, que fazia girar sua roca na cozinha.

As duas passeavam juntas ao longo do muro do jardim; e falavam sempre de Virginie, perguntando-se se esta ou aquela coisa seria de seu agrado, ou o que ela teria dito nesta ou naquela ocasião.

Todos os seus pequenos pertences ocupavam um armário no quarto com as duas camas. A sra. Aubain os inspecionava com a menor frequência possível. Num dia de verão, ela se resignou; e mariposas voaram do armário.

Os vestidos estavam enfileirados debaixo de uma prateleira onde se viam três bonecas, aros de metal, uma casinha, a bacia que ela usava. Tiraram também as anáguas, as meias, os lenços, e estenderam tudo sobre os dois colchões, antes de dobrar cada peça. O sol iluminava esses pobres objetos, revelando suas manchas e os vincos formados pelos movimentos do corpo. O ar estava quente e azul, um melro gorgolejava, tudo parecia viver numa doçura profunda. Encontraram um pequeno gorro de pelúcia, com fios longos, de cor marrom. Mas estava todo comido pelas traças. Félicité pleiteou-o para si. Os olhos das mulheres se

entrefitaram, encheram-se de lágrimas; finalmente, a patroa abriu os braços, a criada atirou-se neles, e elas se abraçaram, aplacando sua dor num beijo que as igualava.

Foi a primeira vez na vida das duas, não tendo a sra. Aubain uma natureza expansiva. Félicité ficou-lhe grata como de um favor, e passou a amá-la com uma devoção bestial e uma veneração religiosa.

A bondade de seu coração se desenvolvia.

Quando escutava na rua os tambores de um regimento em marcha, postava-se à frente da porta com uma jarra de cidra, e dava de beber aos soldados. Cuidava dos doentes de cólera. Protegia os poloneses, e um deles chegou a declarar querer casar-se com ela. Mas os dois acabaram rompendo; pois certa manhã, ao voltar do Ângelus, ela o encontrou em sua cozinha, onde se intrometera, preparando um vinagrete que comia com toda a calma.

Depois dos poloneses foi o pai Colmiche, um velhote com a fama de ter feito o diabo em 93. Vivia à beira do rio, nos escombros de um chiqueiro. Os meninos o espiavam pelas brechas nos muros, e lhe atiravam pedregulhos que caíam em seu catre, de onde ele mal se levantava, sacudido continuamente pela bronquite, com os cabelos muito compridos, as pálpebras inflamadas, e no braço um tumor maior que sua cabeça. Ela lhe arrumou roupa branca, tentou limpar seu covil, sonhava em abrigá-lo junto ao forno externo da casa, sem incomodar madame. Quando o câncer rebentou, ela trocava o curativo a cada dia, trazia-lhe doces, expunha-o ao sol apoiado num fardo de palha; e o pobre velho, babando e tremendo, agradecia com a voz apagada, tinha medo de perdê-la; esticava as mãos toda vez que a via afastar-se. Ele morreu; ela mandou rezar uma missa pelo repouso de sua alma.

Nesse dia, sucedeu-lhe uma grande felicidade: na hora do jantar, o negro da sra. de Larsonnière chegou à casa, trazendo o papagaio em sua gaiola, com o poleiro, a corrente e o cadeado. Um bilhete da baronesa anunciava à sra. Aubain que, seu marido tendo sido promovido a uma prefeitura, partiam naquela noite; e lhe pedia que aceitasse aquela ave, como lembrança e sinal de sua consideração.

Fazia muito que o papagaio ocupava a imaginação de Félicité, pois vinha da

América; e esta palavra lhe trazia a lembrança de Victor, tanto que costumava perguntar ao negro por ele. Uma vez, chegara a dizer:

— Minha patroa ficaria tão feliz com ele!

O negro repetira o comentário à sua patroa que, não podendo levar o animal consigo, livrava-se dele dessa maneira.

IV

Chamava-se Loulou. Seu corpo era verde, a ponta das asas, avermelhada, a testa, azul e o pescoço, dourado.

Mas tinha a cansativa mania de bicar seu poleiro, arrancava as próprias penas, espalhava suas imundícies, derramava a água de sua banheira; a sra. Aubain, que ele irritava, deu-o a Félicité para sempre.

Ela empreendeu sua instrução; em pouco tempo ele repetia: “Menino lindo! Seu criado! Ave, Maria!”. Seu lugar era junto à porta, e muita gente se espantava ao ver que ele não respondia quando o chamavam de Jacquot, sabidamente o nome de qualquer papagaio. Comparavam-no a uma perua, a uma acha de lenha: a cada vez, uma punhalada para Félicité! Estranha obstinação de Loulou, que parava de falar assim que olhavam para ele!

Ainda assim, ele gostava de companhia; pois no domingo, enquanto as srtas. Rochefeuille, o senhor de Houppeville e os novos parceiros habituais: Onfroy, o boticário, o sr. Varin e o capitão Mathieu, disputavam seu jogo de cartas, ele batia nas vidraças com suas asas, e se agitava com tamanha fúria que ninguém conseguia ouvir os outros.

A figura de Bourais, provavelmente, parecia-lhe muito engraçada. Assim que o via, começava a rir, a rir com todas as forças. O alarido ressoava no pátio de entrada da casa, era repetido pelo eco, os vizinhos vinham à janela, riam eles também; e, para não ser visto pelo papagaio, o sr. Bourais deslizava colado ao muro, dissimulando seu perfil com o chapéu, ia até o rio e depois entrava pela porta do jardim; os olhares que lançava à ave careciam de qualquer ternura.

Loulou levara um piparote do entregador do açougue, tendo tomado a liberdade de enfiar a cabeça em sua cesta; e desde então tentava sempre bicar o rapaz através da camisa. Fabu ameaçava torcer-lhe o pescoço, embora não fosse cruel, apesar da tatuagem nos braços e das costeletas espessas. Pelo contrário! Tinha até certa queda pelo papagaio, a ponto de tentar, por diversão, ensinar-lhe algumas pragas. Félicité, horrorizada com esses maus modos, passou a deixar o papagaio na cozinha. Sua corrente foi retirada, e ele circulava pela casa.

Quando descia a escada, apoiava nos degraus a parte curva do bico, levantava a pata direita e depois a esquerda; e ela temia que tanta ginástica pudesse causar-lhe alguma vertigem. Ele adoeceu; não conseguia mais falar nem comer. Debaixo da língua, tinha um espessamento como às vezes aparece nas galinhas. Ela o curou arrancando essa película com as unhas. O sr. Paul, um dia, teve a imprudência de soprar nas narinas de Loulou a fumaça de um charuto; outra vez que a sra. Lormeau o cutucava com a ponta de sua sombrinha, ele abocanhou seu aro de metal; finalmente, ele se perdeu.

Ela o pousou no gramado para ele se refrescar, afastou-se um minuto; e, quando voltou, nada de papagaio! Primeiro ela o procurou nas moitas, à beira da água e pelos telhados, sem dar ouvidos à sua patroa, que gritava:

— Tome cuidado! Você está louca!

Em seguida, revistou cada jardim de Pont-l'Évêque; e parava os passantes.

— Não viram, em algum momento, por acaso, o meu papagaio?

Aos que não conheciam o papagaio, ela o descrevia. De repente, ela julgou vislumbrar atrás dos moinhos, ao pé da encosta, uma coisa verde esvoaçando. Mas do alto da encosta, nada! Um carregador lhe contou que o tinha visto pouco antes na rue Saint-Melaine, dentro da loja da mãe Simon. Ela correu até lá. Ninguém sabia do que estava falando. Finalmente voltou para casa, extenuada, com as chinelas em frangalhos, a morte na alma; e, sentada no meio do banco, ao lado de madame, contava-lhe toda a sua procura quando um peso leve caiu em seu ombro: Loulou! Que diabo ele tinha feito? Talvez um passeio pelas redondezas?

Ela custou para se recuperar, ou melhor: nunca se recuperou.

Em seguida a um resfriado, teve uma angina; pouco depois, uma dor de ouvido. Três anos mais tarde, ficou surda; e falava muito alto, mesmo na igreja. Embora seus pecados pudessem, sem desonra para ela nem inconveniência para os demais, espalhar-se por cada canto da diocese, o cura achava mais indicado só ouvir sua confissão dentro da sacristia.

Zumbidos ilusórios vinham perturbá-la ainda mais. Muitas vezes, a patroa lhe dizia:

— Meu Deus! Como você é estúpida!

— Sim, senhora— ela respondia, procurando alguma coisa à sua volta.

O pequeno círculo de suas ideias encolheu mais ainda, e o carrilhão dos sinos, o mugido dos bois deixaram de existir! Todos os seres funcionavam com o silêncio dos fantasmas. Só um som chegava agora a seus ouvidos, a voz do papagaio.

Como para distraí-la, ele reproduzia os estalidos do mecanismo que fazia girar o espeto, o grito agudo de algum peixeiro, a serra do carpinteiro que morava em frente; e, ao ouvir a campainha, imitava a sra. Aubain.

— Félicité! A porta! A porta!

Tinham diálogos, ele repetindo à saciedade as três frases de seu repertório, e ela respondendo com palavras sem muito sentido, mas em que seu coração se expandia. Loulou, em seu isolamento, era quase um filho, um namorado. Ele subia em seus dedos, mordiscava seus lábios, agarrava-se ao seu xale; e, quando ela baixava a testa balançando a cabeça à moda das amas de leite, as grandes abas de seu chapéu e as asas da ave batiam em harmonia.

Quando as nuvens se acumulavam e a trovoada rugia, o papagaio gritava, recordando talvez as chuvaradas de sua floresta natal. O som da água derramada das calhas estimulava seu delírio; fazia voos curtos de um lado para o outro, subia até o teto, derrubava tudo, e saía pela janela para chapinhar no jardim; mas voltava depressa, posando junto ao fogão e, saltitando para secar as penas, girava sem sair do lugar.

Numa certa manhã do terrível inverno de 1837, depois de acomodá-lo diante da lareira por causa do frio, ela o encontrou morto, no meio da gaiola, de cabeça para baixo, as garras presas ao arame. Vítima de uma congestão, provavelmente. Ela achou possível um envenenamento por cicuta; e, apesar da ausência de

qualquer prova, suas suspeitas recaíram em Fabu.

Chorava tanto que sua patroa disse:

— Ora! Mande empalhá-lo!

Então ela pediu o conselho do farmacêutico que sempre tratara bem o papagaio.

Ele escreveu para o Havre. Certo Fellacher fazia esse trabalho. Mas, como a diligência às vezes extraviava as encomendas, decidiu levá-la ela mesma até Honfleur.

As macieiras sem folhas sucediam-se à beira da estrada. Gelo cobria as valas. Cães latiam ao redor das fazendas; e com as mãos debaixo da mantilha, seus tamancos pretos e sua cesta, ela caminhava depressa, pelo meio da estrada.

Atravessou a floresta, passou por Haut-Chêne, chegou a Saint-Gatien.

Atrás dela, levantando uma nuvem de poeira e acelerando na descida, uma diligência a pleno galope precipitava-se como uma tromba-d'água. Ao ver aquela mulher que não se desviava, o condutor subiu na capota, e o cocheiro também se pôs a gritar enquanto seus quatro cavalos, que não conseguia conter, aceleravam ainda mais; os dois primeiros passaram muito rente a ela; sacudindo as rédeas, ele os fez tomar o acostamento, mas furioso ergueu o braço e, em plena corrida, com seu chicote comprido, atingiu-a do ventre à nuca com uma tal chibatada que ela desabou de costas.

Seu primeiro gesto, ao retomar a consciência, foi abrir a cesta. Loulou, felizmente, não sofrera nada. Sentiu uma ardência na face direita; as mãos, que ela levou ao rosto, ficaram vermelhas. O sangue corria.

Sentou-se num marco de pedra, tamponou o rosto com o lenço, em seguida comeu uma côdea de pão que guardara na cesta por via das dúvidas, e se consolou de seu ferimento olhando a ave.

Chegando ao topo de Ecquemauville, vislumbrou as luzes de Honfleur que cintilavam na noite como estrelas; o mar, mais ao longe, espalhava-se indistintamente. Então uma fraqueza a deteve; e a miséria de sua infância, a decepção do primeiro amor, a partida do sobrinho, a morte de Virginie, como as vagas da maré, voltaram todas de uma vez, e, subindo-lhe à garganta, a sufocaram.

Em seguida ela quis falar com o capitão do barco; e, sem dizer o que enviava, fez-lhe recomendações.

Fallacher demorou-se muito com o papagaio, que prometia sempre para a semana seguinte. Ao fim de seis meses, anunciou a remessa de uma caixa; e não se teve mais sinal da encomenda. Tudo indicava que Loulou nunca mais regressaria. “Ele foi roubado!”, pensava ela.

Finalmente ele chegou — e esplêndido, de pé num galho de árvore aparafusado a um pedestal de acaju, uma pata no ar, a cabeça oblíqua, e roendo uma noz, que o empalhador, por amor à ostentação, decidira dourar.

Ela o fechou no seu quarto.

O aposento, onde admitia pouca gente, tinha ao mesmo tempo o ar de uma capela e de um bazar, de tantos objetos religiosos e artigos esdrúxulos que continha.

Um grande armário estorvava a abertura da porta. Do outro lado da janela acima do jardim, uma claraboia dava para o pátio de entrada; uma mesa, ao lado da cama de tiras de couro, servia de apoio a uma jarra d'água, dois pentes e um cubo de sabão azul num prato de borda rachada. E nas paredes se viam: terços, medalhas, várias imagens da Virgem, um vaso para água benta feito de um coco; em cima da cômoda, coberta com uma toalha, como um altar, a caixa de conchas que Victor lhe dera de presente; e mais um regador e uma bola, cadernos, a geografia em estampas, um par de botinas; e no prego junto ao espelho, preso por suas fitas, o gorro de pelúcia! Félicité levava tão longe esse tipo de respeito que conservava uma das casacas de monsieur. Todas as velharias que a sra. Aubain não queria mais, levava para seu quarto. Assim, havia flores artificiais à beira da cômoda, e o retrato do conde de Artois num nicho da parede.

Com a ajuda de uma tábua, Loulou foi instalado numa chaminé que passava por dentro do quarto. Todo dia de manhã, ao acordar, ela o percebia à claridade da aurora, e se lembrava então dos dias passados, e de atos insignificantes em seus menores detalhes, sem dor, cheia de tranquilidade.

Sem comunicar-se com ninguém, vivia num torpor de sonâmbula. A procissão de Corpus Christi a reanimou. Foi pedir nas casas vizinhas archotes e esteiras de palha para enfeitar o altar improvisado que armavam na rua.

Na igreja, ela contemplava sempre o Espírito Santo, e observava que ele tinha algo do papagaio. A semelhança lhe pareceu ainda mais evidente numa estampa de Épinal,[4] representando o batismo de Nosso Senhor. Com suas asas de púrpura e seu corpo de esmeralda, era realmente a imagem de Loulou.

Tendo comprado a estampa, ela a pendurou no lugar do conde de Artois, de maneira que, com a mesma mirada, via os dois juntos. Associaram-se em seu pensamento, o papagaio santificado por essa relação e o Espírito Santo, que se tornava mais vivo a seus olhos e inteligível. O Pai, para se manifestar, não poderia ter escolhido uma pomba, posto que esses animais não têm voz, e sim um dos ancestrais de Loulou. E Félicité rezava olhando para a imagem, mas de tempos em tempos virava-se um pouco na direção do papagaio.

Teve vontade de entrar para as Filhas de Maria. A sra. Aubain a dissuadiu.

Um acontecimento considerável se anunciou: o casamento de Paul.

Depois de ter sido inicialmente escrevente de notário, em seguida entrado para o comércio, a alfândega, a Coletoria, e mesmo ter tentado ingressar na divisão de Águas e Florestas, aos trinta e seis anos, bruscamente, por uma inspiração celeste, ele tinha descoberto seu caminho: o Registro! E exibia tão elevado talento na matéria que um inspetor lhe oferecera a mão da filha, prometendo-lhe proteção.

Paul, agora homem sério, trouxe a noiva à casa da mãe.

Ela desprezou os costumes de Pont-l'Évêque, deu-se ares de princesa, magoou Félicité. A sra. Aubain, quando ela partiu, sentiu-se aliviada.

Na semana seguinte, ficaram sabendo da morte do sr. Bourais, num albergue da baixa Bretanha. O rumor de suicídio se confirmou; levantaram-se dúvidas quanto à sua probidade. A sra. Aubain estudou suas contas, e não tardou a descobrir sua litania de horrores: desvio de receitas, vendas dissimuladas de lenha, recibos falsos etc. Além disso, ele tinha um filho natural, “de relações com uma pessoa de Dozulé”.

Essas torpezas a afligiram muito. No mês de março de 1853, sentiu uma dor no peito; sua língua parecia envolta em fumaça, as sanguessugas não acalmaram a opressão; e na nona noite ela expirou, pouco depois de completar setenta e dois anos.

Julgavam que fosse menos velha, por causa de seus cabelos castanhos, cujos bandós ladeavam seu rosto pálido, marcado pela varíola. Poucos amigos sentiram sua falta, pois a soberba de seus modos a distanciava.

Félicité chorou por ela, como não se chora pelos patrões. Que madame morresse antes dela, isso a perturbava, parecia-lhe contrário à ordem das coisas, inadmissível e monstruoso.

Dez dias mais tarde (o tempo de vir de Besançon), os herdeiros se apresentaram. A nora revirou as gavetas, escolheu uns móveis, vendeu os outros, e em seguida retornaram ao Registro.

A poltrona de madame, sua mesinha de centro, seu braseiro de metal, as oito cadeiras, todos partiram! O lugar onde ficavam as gravuras desenhava-se em quadrados amarelos no meio das paredes. Tinham levado as duas caminhas, com seus colchões, e no armário nada restara das coisas de Virginie! Félicité desmontou as prateleiras, embriagada de tristeza.

No dia seguinte, havia um aviso preso à porta; o farmacêutico lhe gritou junto ao ouvido que a casa estava à venda.

Ela vacilou, e foi obrigada a sentar-se.

O que mais a deixava desolada era abandonar seu quarto — tão cômodo para o pobre Loulou! Envolvendo-o num olhar de angústia, ela implorava ao Espírito Santo, e contraiu o hábito idólatra de recitar suas orações ajoelhada ante o papagaio. Às vezes o sol, entrando pela claraboia, dava no olho de vidro da ave, provocando a emissão de um forte raio luminoso que a deixava em êxtase.

Ela tinha uma renda de trezentos e oitenta francos, legada por sua patroa. A horta do jardim lhe fornecia legumes. Quanto às roupas, possuía o que lhe bastava para se vestir até o fim de seus dias, e poupava iluminação indo dormir logo depois do crepúsculo.

Ela nunca saía, a fim de evitar a loja do vendedor de artigos usados, onde se exibiam alguns dos antigos móveis. Desde seu desmaio, ela puxava de uma perna; e, com a diminuição de suas forças, a mãe Simon, arruinada na mercearia, vinha todo dia de manhã rachar sua lenha e bombear a água para ela.

Seus olhos se enfraqueceram. As persianas não se abriam mais. Vários anos se passaram. E a casa não era alugada nem vendida.

Temendo que a pusessem para fora, Félicité não reclamava nenhum conserto. As telhas apodreciam; durante todo um inverno, o travesseiro de sua cama esteve molhado. Depois da Semana Santa, ela cuspiu sangue.

Então a mãe Simon recorreu a um médico. Félicité quis saber o que tinha. Mas, surda demais para escutar, captou uma única palavra: “pneumonia”. Sabia o que era, e respondeu baixinho:

— Ah, igual a madame. —Achando natural seguir os passos da patroa.

Chegava o momento dos altares de rua.

O primeiro ficava sempre na base da ladeira, o segundo, diante dos correios, o terceiro, mais para a metade da rua. Havia rivalidades em torno deste último; e as paroquianas escolheram finalmente o pátio de entrada da casa da sra. Aubain.

As opressões e a febre aumentavam. Félicité sofria por não fazer nada para o altar. Se, pelo menos, pudesse incluir alguma coisa! Então lhe ocorreu o papagaio. Não era adequado, objetaram as vizinhas. Mas o cura deu permissão; e ela ficou tão feliz que pediu que ele aceitasse, quando ela viesse a morrer, Loulou, sua única riqueza.

Da terça-feira ao sábado, véspera de Corpus Christi, ela tossia com frequência. À noite seu rosto ficou congestionado, os lábios se colaram às gengivas, os vômitos apareceram; e no dia seguinte, logo ao amanhecer, sentindo-se muito fraca, mandou chamar um padre.

Três mulheres a rodeavam durante a extrema-unção. Em seguida, ela declarou que precisava falar com Fabu.

Ele chegou com sua roupa de domingo, pouco à vontade naquela atmosfera lúgubre.

— Perdão — disse ela, com um esforço para estender o braço —, achei que era você quem o tinha matado!

Que absurdo era aquele? Ter suspeitado que ele cometera um assassinato, um homem como ele! E ele se indignou, fez menção de responder aos gritos!

— Ela perdeu a cabeça, não está vendo?

Félicité de tempos em tempos falava com sombras. As mulheres foram embora. A Simonne almoçou.

Um pouco mais tarde, pegou Loulou e, aproximando o papagaio de Félicité:

— Vamos! Dê adeus a ele!

Embora não fosse um cadáver, os vermes o devoravam; uma das suas asas estava partida. Estopa saía da sua barriga. Mas, cega àquela altura, ela o beijou na testa, e o apertou contra o rosto. A Simonne recuperou Loulou, para incluí-lo no altar de rua.

V

As ervas emanavam o cheiro de verão; moscas zumbiam; o sol fazia reluzir o rio, aquecia as telhas de ardósia. A mãe Simon, de volta ao quarto, adormeceu tranquilamente.

Toques de sino a despertaram; saíam das vésperas. O delírio de Félicité começou. Pensando na procissão, ela a via, como se a acompanhasse.

Todos os meninos das escolas, os cantores e cantoras e os bombeiros andavam pelas calçadas enquanto, pelo meio da rua, avançavam, primeiro: o suíço armado com sua alabarda, o bedel com uma cruz imensa, o professor vigiando as crianças, a freira inquieta com suas meninas; três das mais bonitas, cacheadas como anjos, lançavam ao ar pétalas de rosas; o diácono, de braços bem abertos, cuidava da música; e dois incensadores se viravam a cada passo para o Santo Sacramento, carregado, sob um pálio de veludo vermelho sustentado por quatro membros do conselho, pelo cura da paróquia, envergando sua bela casula. Uma enchente de pessoas se empurrava logo atrás, entre as toalhas brancas que cobriam as paredes externas das casas; e chegaram à base da ladeira.

Um suor frio banhava a testa de Félicité. A Simonne o enxugava com um pano, dizendo-se que um dia também precisaria enfrentar o mesmo.

O murmúrio da multidão foi engrossando, num momento ficou muito alto e depois se afastou.

Uma fuzilaria sacudiu as vidraças. Eram os cocheiros saudando o ostensório. Félicité girou as pupilas e disse, o mais baixo que podia:

— Ele está bem? — Aflita com o papagaio.

Sua agonia começou. Um estertor, cada vez mais rápido, erguia suas costelas. Bolhas de espuma lhe assomavam nos cantos da boca, e todo o seu corpo tremia.

Logo se ouviu o sopro dos figles, as vozes claras das crianças, a voz grave dos homens. Tudo se calava a intervalos, e o ruído dos passos, amortecidos pelas flores, lembrava o avanço de um rebanho por um campo de relva.

O clero apareceu no pátio de entrada. A Simonne subiu numa cadeira para chegar à claraboia, e dessa maneira conseguia ver o altar improvisado.

Guirlandas verdes pendiam acima do altar, adornado com uma faixa de renda inglesa. Havia no centro um pequeno quadro contendo relíquias, duas laranjeiras nos cantos e, de fora a fora, castiçais de prata e vasos de porcelana de onde se

lançavam girassóis, lírios, peônias, dedaleiras, cachos de hortênsias. Essa mistura de cores vivas descia obliquamente, do primeiro andar até o tapete que se prolongava pelo calçamento das ruas; e artigos raros atraíam os olhos. Um açucareiro de esmalte trazia uma coroa de violetas, berloques de pedras semipreciosas brilhavam sobre tufos de musgo, dois biombos chineses exibiam suas paisagens. Loulou, escondido debaixo de rosas, exibia apenas sua testa azul, parecendo uma placa de lápis-lazúli.

Os membros do conselho, os cantores, as cantoras e as crianças se distribuíram pelos três lados do pátio. O padre subiu lentamente os degraus, e pousou na renda seu grande sol de ouro radiante. Todos se ajoelharam. Fez-se um grande silêncio. E os incensórios, agitados com força, deslizavam em suas correntes.

Um vapor azulado subiu até o quarto de Félicité. Ela avançou as narinas, inspirando aquele fumo com uma sensualidade mística; em seguida fechou as pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração foram ficando mais lentos um a um, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte que se esgota, um eco que desaparece; e, quando ela exalou seu último alento, julgou ver, nos céus entreabertos, um papagaio gigantesco, planando acima de sua cabeça.

TÍTULOS DA COLEÇÃO

A ARTE DA NOVELA

BARTLEBY, O ESCREVENTE | HERMAN MELVILLE

A LIÇÃO DO MESTRE | HENRY JAMES

FREYA DAS SETE ILHAS | JOSEPH CONRAD

A BRIGA DOS DOIS IVANS | NIKOLAI GÓGOL

MICHAEL KOHLHAAS | HEINRICH VON KLEIST

STEMPENYU, UM ROMANCE JUDAICO| SHOLEM ALEICHEM

OS MORTOS | JAMES JOYCE

O HOMEM QUE CORROMPEU HADLEYBURG | MARK TWAIN

O COLÓQUIO DOS CACHORROS | MIGUEL DE CERVANTES

O VÉU ERGUIDO | GEORGE ELIOT

1.

Muscadins eram os jovens de origem rica, geralmente vestidos com requinte, que participavam, em combates de rua, da resistência à Revolução Francesa, particularmente durante a chamada Reação do Thermidor, em julho de 1794. (N.T.)

2.

Jogo de cartas cuja mecânica se baseia na conquista de vazas, aparentado ao *bridge* e ao *whist*, e muito popular em toda a Europa ocidental no século XIX. (N. T.)

3.

Série de levantes e revoltas de rua ocorridos em julho de 1830, resultando na derrubada de Carlos X, o último rei Bourbon da França. (N. T.)

4.

As estampas ou imagens de Épinal eram gravuras impressas em cores vivas, de temas populares, de ampla circulação na França desde a segunda metade do século XVIII. Deviam o nome à cidade onde começaram a ser produzidas, no nordeste da França. (N. T.)